

Processos de formação: hipóteses sobre a variabilidade do registro arqueológico de um montículo artificial no sítio Hatahara, Amazonas¹

*Juliana Salles Machado*²

Resumo

O sítio Hatahara está em uma área de várzea na margem esquerda do rio Solimões, Estado do Amazonas. O estudo de montículos artificiais que se destacavam na paisagem indicou tratar-se de estruturas intencionalmente construídas com grande densidade de cerâmicas, formando camadas de fragmentos e potes inteiros utilizados como material construtivo. A pesquisa realizada buscou entender a complexidade dos processos de formação envolvidos na construção de aterros artificiais, na tentativa de compreender o mosaico de atividades que geraram esse registro, levando em conta o dinamismo tanto dos processos culturais quanto naturais na configuração do contexto arqueológico.

Palavras-chave: Processos de Formação, Arqueologia Amazônica, Montículos Artificiais.

Abstract

The Hatahara site is situated in a *várzea* area on the left bank of the Solimões

¹ Esse artigo foi baseado em capítulos da dissertação de Mestrado apresentada ao MAE/USP em 2005.

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) do Museu Nacional, UFRJ. Mestre em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. E-mail: julianasallesmachado@gmail.com

River, State of Amazonas. The study of artificial mounds, which are very distinguishable in the landscape, indicated that such structures were intentionally built with huge amounts of ceramics as constructional materials, forming layers of sherds and whole pots. The research sought to understand the complexity of the formation processes involved in mounds' construction, in order to access the mosaic of activities that generated the archaeological record, taking in account the dynamics of both cultural and natural processes in the configuration of the archaeological context.

Keywords: Formation Processes, Amazonian Archaeology, Artificial Mounds.

Introdução

A pesquisa realizada teve como objetivo entender o processo de formação de montículos artificiais identificados em um sítio arqueológico localizado às margens do rio Solimões, Amazonas. Estruturas como essas aparecem na região associadas a uma grande densidade cerâmica e profundos pacotes de terra preta antropogênica estando, por vezes, também relacionadas a sepultamentos humanos. Apesar dessas associações recorrentes, o processo de formação dessas estruturas era ainda desconhecido. Acreditamos que o estudo de tais estruturas possa fornecer informações sobre os padrões de organização sócio-política dos grupos que ocuparam essa região ao redor de 1000 d.C..

As questões abordadas pelo presente trabalho se inserem numa discussão teórica mais ampla, que vem sendo realizada desde a década de sessenta. Os principais tópicos dessa discussão envolvem o padrão de assentamento e mobilidade dos grupos que ocuparam a bacia amazônica ao longo do tempo, bem como as formas de organização social desses grupos (Neves, 1999). Tais problemas vêm sendo abordados principal-

mente, através da análise dos vestígios cerâmicos. No âmbito dessas discussões foram geradas diferentes hipóteses, as quais vêm sendo testadas empiricamente desde 1995 pelo projeto *Levantamento Arqueológico da Área de Confluência dos Rios Negro e Solimões, Estado do Amazonas- Projeto Amazônia Central (P.A.C.)*, coordenado atualmente pelo arqueólogo Dr. Eduardo Góes Neves (MAE/ Universidade de São Paulo).

O presente trabalho se insere nessa pesquisa mais ampla ao estudar os processos e materiais utilizados na construção dos montículos artificiais no sítio Hatahara (Fig. 01). Através do conhecimento gerado com esse trabalho e com o decorrer das escavações no sítio, surgiram novas questões que assumiram cada vez mais importância na tarefa de compreender a complexidade desse sítio. Da constatação de uma construção intencional à possibilidade de inferências de complexidade social, o estudo desses montículos artificiais tem se mostrado cada vez mais relevante no processo de compreensão da ocupação pré-colonial da região.

Entendendo a problemática Amazônica: uma introdução aos modelos de ocupação da região

A Amazônia foi durante muito tempo foco de inúmeras discussões a respeito das formas de organização social e padrões de mobilidade das populações pré-coloniais que ocupavam a região. No entanto, uma grande ambigüidade marca as interpretações que os pesquisadores oferecem a respeito de tão rico vestígio arqueológico. A combinação de extensos sítios, que chegam a atingir dezenas de hectares de área (Neves, 2000), com altas densidades de vestígios cerâmicos com contornos formais e atributos decorativos bastante elaborados e a presença de terra preta antropogênica levou mui-

tos pesquisadores a criarem distintos modelos explicativos que dessem conta de tal configuração. Apesar da existência de trabalhos anteriores e *insights* interpretativos remontarem aos primeiros viajantes que por ali estiveram, é apenas com a arqueóloga norte americana Betty Meggers (1971, 1992) que vamos ter o primeiro modelo arqueológico para a ocupação daquela região.

Para Meggers (1971, 1992), tais tipos de sítios seriam o resultado de sucessivas re-ocupações dos mesmos locais por pequenas populações semi-sedentárias, que devido a supostas limitações ambientais não poderiam fixar-se, tornarem-se mais densas e complexificar seus padrões de organização social. Tal interpretação do registro arqueológico Amazônico não foi, no entanto, consensualmente aceita por todos os pesquisadores. Autores como Donald Lathrap (1970) apresentaram modelos explicativos bastante diversos no que se refere aos padrões de assentamento e mobilidade e organização social das populações daquela região. Lathrap (1970) propôs que a Amazônia central seria um importante centro de inovação e difusão cultural nas terras baixas da América do Sul. Tal modelo implica em processos de ocupação de longa duração para a área de estudo. Ainda oferecendo perspectivas distintas do modelo de ocupação amazônica de Meggers, Anna Roosevelt (1991) mais recentemente afirmou que as áreas adjacentes às planícies aluviais amazônicas teriam sido marcadas pela ocupação densa e sedentária de grandes agregações populacionais caracterizadas por formações sociais de organização complexas, centralizadas (do tipo *cacicado*) ou não (heterárquicas).

O quadro de discussões teóricas e suas implicações arqueológicas marcam as pesquisas arqueológicas na região amazônica até o presente. O antagonismo desses modelos explicativos, aliado a pouca quantidade de dados empíricos necessários para comprová-los ou refu-

tá-los levou à formação do *Projeto Amazônia Central*, assim como incentivou a realização de outras pesquisas acadêmicas na região da foz do rio Amazonas pelos pesquisadores do Museu Paraense Emílio Goeldi. Os resultados obtidos através dessas pesquisas têm nos apontado cenários de compreensão muito mais complexos do que o determinismo imbuído em tais modelos explicativos poderiam arcar. A meu ver, os novos dados gerados por essas pesquisas tem apontado para o dinamismo e particularismo das formas de organização social, assim como reforçado a preocupação com a necessidade de um aprofundamento das questões teórico e metodológicas, base de nossas interpretações.

Os modelos para a ocupação pré-colonial da região amazônica baseiam-se principalmente na densidade e localização de vestígios cerâmicos, assim como na sua categorização em uma cronologia relativa. A cronologia da ocupação da Amazônia central por grupos ceramistas tem por base a proposta de Meggers e Evans (1961), posteriormente refinada por Hilbert (1968), identificando três conjuntos cerâmicos: a fase Manacapuru, a fase Paredão – ambas associadas à Tradição Borda Incisa – e a fase ou subtradição Guarita – associada à Tradição Policrômica da Amazônia. A metodologia empregada na elaboração dessa cronologia consistia numa seriação cerâmica segundo o método quantitativo criado por James Ford e adaptado por Meggers (Machado, 2005; Meggers, 1971). Atualmente, essa cronologia relativa está sendo revista através de uma série de datações absolutas feitas pelo P.A.C., que situam as ocupações cerâmicas da fase Manacapuru entre o século IV e o século IX d.C. – recentemente subdividida em fase Açutuba entre 300BC e 360BC e fase Manacapuru 600 a 1000 d.C. –, da fase Paredão entre fins do século VII e início do século X e da fase Guarita do século X ao XVI (Hilbert, 1968; Heckenberger et al., 1998, 1999; Neves,

2000; Lima, Neves e Petersen, 2006). A cronologia da ocupação ceramista da região apresentada pelo P.A.C. até o momento corrobora a proposta de Hilbert (1968) e Meggers e Evans (1961).

Os sítios arqueológicos encontrados na região da Amazônia central são, na sua maioria, multicomponenciais com sobreposição, respectivamente, de cerâmicas das fases Manacapuru, Paredão e Guarita. No entanto, estruturas como os montículos artificiais apresentam estratigrafias bastante complexas, nas quais as três ocupações cerâmicas em alguns momentos se entrecruzam, aparecendo por vezes de forma concomitante no perfil estratigráfico. Distintos métodos de classificação cerâmica vêm sendo utilizados a fim de melhor compreender a validade e amplitude dessas categorias analíticas, além de permitir um melhor entendimento dos distintos episódios de formação do contexto arqueológico escavado.

O estudo realizado no sítio Hatahara indicou que os montículos são estruturas artificiais construídas através de critérios de escolha dos materiais construtivos, uma configuração particular no espaço e em um curto intervalo de tempo. Essas informações podem sugerir que tratam-se de estruturas monumentais, construídas através da mobilização de mão de obra e planejamento, um possível correlato de sociedades do tipo cacicado (Flannery, 1999). Para que tais hipóteses possam ser satisfatoriamente aferidas, é importante que melhor compreendamos os conceitos de *monumentalidade* e as categorias correntemente utilizadas para classificar distintas formas de organização social. A utilização de conceitos como o de *monumentalidade* depende de um entendimento dos processos através dos quais os supostos monumentos foram construídos no passado (Kristiansen, 1991). Longe de estarem resolvidas, as categorias que visam dar conta de distintas formas de organização social, como a divisão tipológica de cacicados correntemente utili-

zada associada a conceitos como *simples e complexos*, continuam a gerar inúmeras discussões entre os diversos autores que se debruçam sobre esse tema.

Os montículos artificiais do sítio Hatahara

O sítio Hatahara (Am-Ir-13) está localizado sobre um terraço adjacente a uma área de várzea na margem esquerda do rio Solimões, no município de Iranduba, Estado do Amazonas (Fig. 02). Cobrindo uma área de aproximadamente 400m², o sítio apresenta uma profundidade média de 40cm de terra preta antropogênica. Durante a delimitação e mapeamento do sítio notamos a presença de estruturas que se destacavam na paisagem. Essas estruturas consistem em morrotes artificiais com alturas variadas, chegando a atingir 150cm. O estudo preliminar de uma delas (Machado, 2005), nos levou a classificá-las como montículos artificialmente construídos. Apesar da necessidade de outros estudos acerca dos processos de formação de montículos artificiais, alguns deles estão associados a sepultamentos humanos e ao uso de terras pretas antropogênicas e cerâmicas como material construtivo (Machado, 2005; Neves, 2000). O sítio Hatahara apresentou uma média de dez montículos artificiais dispostos em forma semi-circular, dos quais dois foram parcialmente escavados; um localizado no ponto central desse arco (M.I) e outro (M.II) próximo ao seu extremo leste.

Os montículos são estruturas artificiais, intencionalmente construídas com grande quantidade e densidade de cerâmicas, formando camadas de fragmentos e potes inteiros utilizados como material construtivo. No decorrer desse trabalho buscamos responder algumas questões referentes a seu processo construtivo, a saber: quais foram os critérios empregados na escolha dos materiais construtivos? É possível detectar

mudanças nas frequências de forma, decoração e tecnologia dos fragmentos utilizados como material construtivo? Quais afinal, dos grupos que ocuparam o sítio, foram os construtores dos montículos?

Processos de formação e fatores de variabilidade no registro arqueológico

Desde sua formação como disciplina, a arqueologia esteve vinculada à antropologia e às ciências naturais. A inserção dos vestígios arqueológicos em matrizes naturais levava a inúmeras especulações a respeito de sua antiguidade e origem. Durante muito tempo, os sítios arqueológicos foram entendidos como resultado estático de processos de deposição e ação do tempo e, assim, os vestígios arqueológicos eram tidos como fósseis do passado, porém, novas abordagens levaram os pesquisadores a entenderem a variabilidade do registro arqueológico como o resultado de distintos processos de formação, uma combinação de fatores naturais e culturais atuantes (Schiffer, 1972, 1975, 1987; Binford, 1981, 1980, 1983). Dessa forma, a especificidade das atividades realizadas no contexto sistêmico², associada aos distintos vestígios, e a variedade dos processos de abandono e descarte que marcaram o encerramento de sua vida útil, assim como a percepção do dinamismo dos processos pós-depositivos, lançaram luz sobre a perspectiva de o registro arqueológico ser sempre transformado e estar sempre em transformação (Schiffer, 1972, 1975, 1987; Binford, 1981, 1980, 1983). O tempo, dessa maneira, passou a assumir papel menos determinante na configuração dos vestígios, dando lugar aos processos de formação. Essa preocupação acarretou uma série de estudos a respeito dos pro-

cessos de formação do registro arqueológico e essa abordagem vem, ao longo dos anos, adquirindo maior importância na arqueologia. Para autores como Schiffer (1972, 1975, 1987), os processos de formação do registro arqueológico são os principais definidores da variabilidade artefactual e essa variabilidade pode ser entendida através de aspectos formais, quantitativos, espaciais e relacionais, ou seja, relacionada, respectivamente, às propriedades físicas do artefato, à sua frequência, à sua localização ou ainda à relação entre os artefatos em si. No presente trabalho, utilizaremos esses conceitos para buscar entender o processo de formação de montículos artificiais encontrados no sítio Hatahara, Amazonas (Machado, 2005).

Os modelos interpretativos de Schiffer

Para entendermos os processos de formação do registro arqueológico, devemos pensar em dois fatores que o compõem: as ações culturais e as ações naturais, o que Schiffer chamou de *C-transform* e *N-transform* (Schiffer, 1975). As ações culturais envolvem desde a produção dos materiais arqueológicos, no que poderíamos chamar de contexto sistêmico, até as intervenções agrícolas e arqueológicas recentes; já as ações naturais seriam os processos que podem ocorrer na matriz natural na qual estão inseridos como, por exemplo, processos de sedimentação, erosão, lixiviação, inundação, movimentação eólica, etc. Ambas formas de ações alteram tanto a disposição quanto a própria integridade física do material arqueológico ao longo do tempo e, para entendermos os processos de formação, devemos mapear ambas essas ações atuantes no contexto arqueológico estudado. A disposição e, até certo ponto, a forma em que

² Contexto sistêmico segundo Schiffer (1972:157): condição de um elemento que está participando de um sistema comportamental; ou seja, atividades, ou artefatos, que se encontram em algum estágio de sua vida útil dentro um sistema cultural.

encontramos o material arqueológico é, portanto resultante de ambos processos de atuação.

Para o entendimento do processo de formação de estruturas artificiais, como os montículos encontrados no sítio Hatahara, é importante que tenhamos em mente primeiramente como aquela configuração material corresponde às atividades sistêmicas que o geraram; para tanto, podemos utilizar o conceito de refugio³ também proposto por Schiffer (1972): de fato⁴, primários ou secundários. O primeiro é caracterizado pela ausência de atividades de descarte no contexto sistêmico e poderíamos entendê-lo como uma forma de abandono *in situ*; já os refugos primário e secundário representam formas de descarte ainda no contexto sistêmico – no caso do primário, o material é descartado no seu local de utilização, enquanto no secundário o local final de descarte não é o mesmo que o local de uso.

O material utilizado na construção do montículo, basicamente terra preta e cerâmica, apresenta características peculiares com relação a sua composição e articulação no espaço (Fig. 03). Através das análises realizadas durante a pesquisa, podemos destacar alguns fatores importantes no processo de formação do montículo I, como a ausência de potes inteiros, o grande número de fragmentos de potes distintos, sua disposição articulada nas camadas e os critérios de seleção dos fragmentos que o compõem. Tais indicadores levam-nos a diferenciar as cerâmicas utilizadas como materiais construtivos dentre as camadas de alta densidade cerâmica e os níveis estratigráficos subjacentes. A associação desse contexto aos distintos processos de formação de refugio apresentado por Schiffer (1972) pode ser

interpretada de duas maneiras, como refugio de fato ou refugio secundário. Os montículos encontrados poderiam ser classificados como refugos de fato, uma vez que não foram descartados, mas abandonados no seu local de uso, o de material construtivo do montículo. Detenhamo-nos no material cerâmico. Evidências como marcas de uso ou fuligem, mostram que essas cerâmicas foram produzidas e utilizadas no contexto sistêmico para fins domésticos ou cerimoniais, mas, de qualquer maneira, desvinculadas da construção do montículo – o que poderíamos chamar de seu uso primário. A partir daí, podemos ter duas situações: na primeira, essa cerâmica seria descartada como refugio primário ou secundário, encerrando sua primeira etapa do ciclo de vida. Nessa hipótese, seus fragmentos teriam sido selecionados nas áreas de descarte, em função da sua forma e tamanho e coletados para servir de material construtivo para o montículo, sendo, portanto, re-inseridos no contexto sistêmico e dando início à sua segunda etapa do ciclo de vida. Nessa nova utilização do artefato, ele nunca chega a ser descartado, mas sim abandonado, permanecendo no local no qual foi utilizado.

Na segunda situação, a etapa inicial do ciclo de vida da cerâmica é semelhante, sendo produzida e utilizada no contexto sistêmico ou para fins domésticos, ou cerimoniais, mas desvinculada da construção do montículo. No entanto, essa cerâmica não chega a ser descartada, a encerrar seu ciclo de vida, mas sim, tem sua função reciclada para a de material construtivo de forma direta, sendo o pote inteiro quebrado ou colocado na construção do montículo, podendo o mesmo ocorrer com fragmentos. Exemplos etnoarqueológicos mos-

³ O conceito de refugio, segundo Schiffer (1972:159) está relacionado à condição de não participação em um sistema comportamental.

⁴ Refugio de fato, segundo Schiffer (1972:160) está relacionado aqueles elementos que chegam ao contexto arqueológico sem a realização de uma atividade de descarte. Normalmente associado à atividades de abandono, ou seja, àquelas cujos elementos não sofreram um ato deliberado de descarte pelos antigos ocupantes do sítio arqueológico.

tram a recorrência na utilização secundária de fragmentos cerâmicos nas atividades cotidianas, já a partir do momento de quebra do pote inteiro, sem que esse seja descartado previamente. Assim, apesar de aparentemente termos mudado a forma do refugio, ela se mantém a mesma, já que a construção do montículo faz parte de sua segunda etapa de vida útil. Nessa segunda possibilidade, o material cerâmico não foi descartado, mas sua função reciclada para a de material construtivo para a qual também não sofreu descarte, mas sim abandono, permanecendo no mesmo local até o presente.

Em qualquer uma das possibilidades, o material cerâmico encontrado continuaria exercendo sua última função, a de material construtivo, não tendo sido descartado do contexto sistêmico, mas sim abandonado, constituindo assim um refugio de fato. A possibilidade de interpretação desse contexto como *refugio* secundário está diretamente relacionado ao conceito de refugio aqui empregado: se, por um lado, entendemos como fator definidor a presença do artefato no local de sua utilização, independentemente da forma de descarte, então podemos enquadrar o montículo analisado nesse conceito; no entanto, se a definição desse conceito está relacionada não apenas ao local do artefato com relação à sua utilização no contexto sistêmico, mas também à forma pela qual ele foi descartado ou abandonado, o contexto do montículo I do sítio Hatahara só pode ser entendido como refugio de fato – postura que adotamos nesse trabalho.

O baixo número de remontagens nos níveis de constituição do montículo e a grande quantidade de potes distintos reconhecíveis levaram-nos inicialmente à adoção da primeira possibilidade, isto é compreender os montículos artificiais do sítio Hatahara como *refugio* de fato. Se tal hipótese estiver correta, reforça também os critérios que acreditamos estarem relacionados à seleção do material

construtivo, isto porque apesar da falta de remontagens, existe uma padronização grande nas propriedades do material constitutivo de cada camada, tais como forma e tamanho. A utilização dessa concepção é importante para dissociarmos a construção do montículo a de uma lixeira doméstica caracterizada como um exemplo de refugio secundário. No entanto, estudos etnoarqueológicos apontaram fatores importantes para repensarmos a formação desse contexto (Dillehay, 2004: *comunicação pessoal*).

Em um contexto indígena observado no sul do Chile, os Mapuche mantêm a tradição de construção de montículos artificiais de terra e cerâmica até o presente. Um pesquisador norte-americano (Dillehay, 2004: *comunicação pessoal*) acompanhou por muitos anos a manutenção de antigos montículos e, mais recentemente, a construção de um novo montículo, em função da morte de um chefe local. Nesse contexto, os montículos eram construídos através de uma variedade de processos distintos, como a quebra simbólica de potes inteiros ao longo de uma área pré-estabelecida e a quebra de potes inteiros em pequenos agrupamentos correspondentes a grupos familiares dentro de uma área pré-estabelecida. Ambos os eventos, apesar de distintos, resultariam, em longo prazo, em configurações arqueológicas semelhantes. Em meio ao processo de formação e manutenção, foram observadas etapas de aterramento de um piso de fragmentos cerâmicos, processo coincidente ao observado entre as duas camadas de concentração cerâmica, no montículo I do sítio Hatahara. Perguntamo-nos então: se o processo de formação nesse contexto do médio Amazonas fosse semelhante ao apontado no sul do Chile, por que não encontramos uma grande frequência de remontagens, como seria de se esperar se os potes fossem quebrados *in situ*? Outro exemplo etnoarqueológico nos dá idéia do dinamismo das atividades sistêmicas de formação e

o resultado fragmentário do registro arqueológico: no mesmo grupo, apesar da quebra simbólica dos potes cerâmicos ser feita num primeiro momento conjuntamente em um único episódio, seu processo de formação é contínuo; o montículo permanece sendo construído e transformado através do acréscimo de novos potes quebrados *in situ*, oferendas de potes inteiros e, o que é mais impressionante, a oferta de fragmentos cerâmicos de outros locais que eram depositados naquele contexto, assim como a retirada de fragmentos do seu interior que eram levados por visitantes. Além dessa diversidade de fatores que integram tais estruturas, sua superfície é constantemente limpa de raízes, folhas, etc., o que desarticulava os fragmentos no espaço; vemos, então, que a diversidade e dispersão dos fragmentos que compõem essa estrutura podem estar relacionadas.

- 1) ao processo inicial de quebra simbólica;
- 2) a quebras simbólicas posteriores, seja em pequenos agrupamentos, seja em grandes ações coletivas;
- 3) à oferendas posteriores de potes inteiros;
- 4) à oferendas de fragmentos de cerâmicas possivelmente exógenas;
- 5) à ausência de fragmentos, devido a coletas simbólicas que por vezes eram feitas como espécies de "reliquias".

Tais indicadores são bastante diagnósticos da grande variedade de fatores que podem influenciar a configuração apresentada por essas estruturas, quando da intervenção arqueológica moderna.

Ao associarmos a variabilidade de processos apontados através do estudo etnoarqueológico mencionado às hipóteses apontadas anteriormente para os episódios de formação do montículo encontrado no sítio Hatahara, a ausência de um grande número de remontagens não necessariamente indica-nos que fragmentos cerâmicos foram utilizados como material construtivo, já que, devi-

do ao dinamismo das atividades possivelmente realizadas no seu processo de construção, manutenção e abandono, tais fragmentos podem ter sido espalhados por uma área mais ampla, não sendo a amostragem arqueológica realizada suficiente para entendermos tais padrões de dispersão. Análises preliminares em unidades de escavação distantes da unidade analisada parecem indicar fragmentos bastante semelhantes àqueles encontrados no centro do montículo, o que poderia nos indicar tratar-se de fragmentos do mesmo pote ou de potes extremamente semelhantes. A ampliação da amostra utilizada, abrangendo uma maior área de dispersão no interior do mesmo montículo, poderia trazer informações mais conclusivas a respeito das ações formadoras dessas camadas de alta densidade cerâmica. No momento, a partir da amostragem utilizada, podemos levantar duas hipóteses de formação:

- 1) o material construtivo foi constituído basicamente de fragmentos isolados re-inseridos no contexto sistêmico advindos de descartes primários ou secundários ou através de processos de reciclagem direta, sem terem sido descartados;
- 2) o material construtivo era originalmente constituído por potes inteiros quebrados *in situ*, cujos fragmentos teriam sofrido intensos processos de dispersão, devido aos processos de manutenção e reconstrução do montículo.

Tais experiências etnoarqueológicas chamam atenção para um aspecto importante e pouco discutido nos contextos arqueológicos, que é o uso e grande circulação de fragmentos cerâmicos no contexto sistêmico. No exemplo mencionado, os fragmentos eram utilizados como oferendas e/ou lembranças de grupos culturais ou aspectos simbólicos contidos na estrutura do montículo. Outros exemplos que demonstram a importância dada aos fragmentos cerâmicos podem ser vistos no trabalho etnoarqueol-

ológico de Silva (2000). Segundo essa autora, a manutenção dos fragmentos nos locais de circulação da aldeia (no local ou não da quebra) é tida como importante pelo grupo, pois o contato visual com os grafismos, com a forma, com o acabamento da superfície e com outros atributos, reafirmava sua identidade ao manter presente na memória do grupo a maneira tradicional de se fazer cerâmica e os significados historicamente atribuídos a cada variedade de pote. Tais exemplos de materialização simbólica nos fragmentos cerâmicos reforçam a possibilidade de estruturas como os montículos artificiais terem sido construídas com fragmentos cerâmicos.

O papel dos transformadores naturais no processo formativo

O contexto arqueológico amazônico sempre foi visto como bastante perturbado, devido à intensidade dos processos naturais que afetam os vestígios inseridos nessa matriz: o excesso de chuvas, a ação de animais de médio porte e a grande quantidade de raízes e micro-organismos contidos no solo, são considerados os principais responsáveis pela ausência de vestígios orgânicos, incluindo os faunísticos e os sepultamentos humanos, assim como a degradação dos próprios vestígios cerâmicos. Em função de tais restrições à preservação dos vestígios arqueológicos é que o sítio Hatahara chama tanta atenção. A boa condição de preservação, tanto de vestígios faunísticos, quanto de ossos humanos, levou-nos a questionar as causas de tão improvável conservação. A análise preliminar dos vestígios orgânicos apontou questões interessantes para o entendimento do processo de formação do montículo estudado, uma vez que indicou distintos graus de conservação ao longo da estratigrafia. Na verdade, a boa condição de preservação dos restos orgânicos foi atribuída à própria existência do

montículo artificial, já que os fragmentos cerâmicos colocados horizontalmente proveriam uma espécie de capa protetora, impedindo a ação direta das chuvas e raízes nos ossos. Tal hipótese parece se sustentar, uma vez que em diferentes contextos no mesmo sítio nos quais há condições do solo e intempéries semelhantes, porém com a ausência de montículos, não foram encontrados macro-vestígios orgânicos com boas condições de preservação. Outra observação interessante é a preferência de agricultores pela manutenção dos fragmentos cerâmicos nos locais da plantação agrícola, o que, segundo eles, diminui a "drenagem" da terra, evitando o ressecamento do solo. Tais observações comprovam a criação de um micro-ambiente protegido no interior da estrutura, o que precisaria ser confirmado a partir de análises pedológicas.

Durante a análise dos vestígios arqueológicos, observamos que distintas camadas apresentaram diferentes graus de preservação dos ossos, indicados através do desgaste na superfície, integridade física e tamanho. As camadas integrantes do montículo e diretamente abaixo apresentaram boas condições de preservação dos ossos, aliado à aparente disposição *in situ* dos vestígios cerâmicos e ausência de bioturbações aparentes, o que parece confirmar a hipótese de capa protetora levantada anteriormente. No entanto, nas camadas mais profundas, notamos aumento das bioturbações, assim como, alguns indicadores de revolvimento superficial e preservação diferencial nos sepultamentos humanos. Os ossos humanos foram os principais indicadores da diferença nos processos de conservação. Tais observações parecem nos indicar um tempo de exposição às intempéries distinto daqueles observados nas camadas que o recobrem e isso é bastante importante, uma vez que nos indica um intervalo entre o enterramento dos corpos e a construção do montículo. Nesse senti-

do, a camada III, na qual estão presentes os enterramentos, teria sofrido exposição às intempéries, anterior ao seu recobrimento pelo aterro artificial. Outro fator interessante é que os distintos graus de desgaste nos ossos humanos parecem indicar episódios distintos de enterramentos. Apesar de tais desgastes diferenciados poderem ter ocorrido em outros locais (no caso de enterramentos secundários), a presença de ossos pequenos como das mãos e dos pés e de sepultamentos aparentemente primários parecem reforçar a primeira possibilidade.

Outro ponto interessante que as transformações naturais diferenciadas podem nos ajudar a compreender é o contexto da única urna funerária encontrada no montículo, localizada numa camada mais profunda que os sepultamentos anteriores e, portanto, não relacionada diretamente às camadas horizontais de alta densidade cerâmica. Inicialmente a presença de terra preta no entorno da urna levou-nos a associá-la ao mesmo período de ocupação que os sepultamentos diretos, uma vez que, no restante das áreas do montículo, a ocupação cerâmica mais antiga, relacionada à chamada fase Manacapuru, está dissociada de terra preta. A formação desse tipo de solo, que também serviu de matéria-prima para a construção do montículo e, portanto, a precede, aparentemente está relacionada ao período intermediário de ocupação do sítio, relacionado à fase Paredão. Essa cerâmica, principal constituinte das camadas construtivas do montículo, está também presente numa camada anterior à construção, a qual pode ter servido como fonte de matéria-prima. A partir de tais observações, a presença da urna num contexto de terra preta levou à sua associação com essa ocupação intermediária.

No entanto, outro aspecto que deve ser levado em consideração para a compreensão dessa estrutura é a presença de terra preta mesclada com latossolo amarelo, nessa camada. Como mencio-

namos anteriormente, a terra preta que constitui o sítio é de origem antrópica, produzida por um desconhecido processo de acréscimo de material orgânico, intencional ou não. Apesar de tal produção ser antrópica e, portanto, não fazer parte das ações naturais que modificam o registro arqueológico, após a sua produção a grande quantidade de material orgânico e micro-organismos nela contida ativa um processo pós-deposicional natural, que pode alterar a configuração do contexto arqueológico. Estudos realizados a respeito da terra preta indicam que ela pode "crescer", ou seja, que os micro-organismos nela contidos ativam um processo de transformação no substrato no qual ela está inserida (Woods e McCann, 1999). No sítio Hatahara, como na maioria dos contextos dessa região, a terra preta repousa sobre um substrato de latossolo amarelo, cuja presença pode ter causado um processo de transformação de cima para baixo; tal transformação, em longo prazo, geraria um pacote mais profundo de terra preta. A camada II da estratigrafia foi descrita como latossolo mosqueado com terra preta, o que poderia ser indício de percolação do solo antrópico em direção ao latossolo. Essa constatação é interessante por nos indicar que a associação de determinadas ocupações com a terra preta nem sempre é tão direta e não deve ser um indicador cronológico, se os processos pós-deposicionais não forem levados em consideração.

A compreensão do contexto da urna funerária na estratigrafia do montículo deve ocorrer a partir da junção de tais observações a respeito da formação da terra preta com informações a respeito das cerâmicas de seu entorno, material ósseo, datações e padrões funerários conhecidos para a macro-região. Assim, parecem indicar um contexto distinto dos sepultamentos diretos: a presença de cerâmicas relacionadas à fase Guarita em meio a fragmentos da fase Paredão nos níveis de construção do montículo; a queda brusca de densidade

de vestígios nos níveis que sobrepõe diretamente a urna; o contorno formal da urna próximo à sua base e os vestígios de engobo branco, polimento e resina em sua superfície. A conjunção de tais evidências poderia nos indicar não apenas se tratar de um período posterior ao dos sepultamentos diretos e inseridos através da escavação da camada III, mas também um padrão funerário distinto relacionado ao momento de construção do montículo.

Os episódios de formação cultural: um quadro hipotético

As características dos materiais cerâmicos apresentados, assim como sua distribuição estratigráfica leva-nos a apontar algumas possibilidades relacionadas aos episódios que levaram à formação desse montículo artificial. Tais hipóteses são preliminares e devem ser testadas tanto através da ampliação da amostra analisada, de modo a incorporar maior variabilidade de contextos no interior do montículo, quanto através da comparação com outros montículos artificialmente construídos e zonas intermediárias do sítio nas quais estes estão ausentes.

O contexto arqueológico encontrado no montículo I pode nos indicar distintos processos de construção decorrentes, por um lado, de distintos modos de organização da força de trabalho (mutirão coletivo e pequenos grupos) e, por outro, de diferentes ritmos de formação, relacionados a um único evento ou a dois eventos.

A construção das camadas que compõem a estrutura do montículo demandaria o esforço conjunto de um número considerável de indivíduos e a articulação desses indivíduos pode se dar de formas variadas: ou como mão-de-obra organizada a partir de uma estrutura verticalizada (seja centralizada ou não), ou através da realização de atividades

comunitárias, como mutirões. Não há evidências, nesse aterro, que apontem para a necessidade de atividades pautadas em uma organização verticalizada, podendo o montículo ter sido construído através da presença, ou não, de coerção de indivíduos. A possibilidade de dissociação da construção do montículo à fatores coercitivos, relacionados a formas de organização verticalizadas, é bastante importante, principalmente no caso de um montículo como o encontrado no sítio Hatahara, que não parece estar direcionado a realização de uma função prática. Essa afirmação baseia-se no tamanho reduzido do montículo, e seu formato pontiagudo, não indicando ter sido o local utilizado como moradia ou para a realização de qualquer atividade que exigisse grande circulação na sua superfície. O agrupamento de indivíduos, nesse sentido, estaria relacionado a uma questão simbólica e esse conceito é bastante amplo, podendo estar relacionado, nesse caso, a questões mortuárias, sociais e/ou políticas. A reutilização de fragmentos advindos de potes cerâmicos, utilizados anteriormente no cotidiano, para erguer o montículo (como os assadores, por exemplo), pode ser resultante de critérios de seleção do material construtivo relacionados, ao mesmo tempo, às suas características físicas, como a forma na sua maioria fragmentos planos de tamanho grande) e uma série de significados simbólicos relacionados tanto ao uso primário dos artefatos, quanto ao próprio ato de reciclagem. Isso, aliado à associação das camadas construtivas com potes decorados possivelmente ligados a atividades cerimoniais, reforça a associação da construção e da própria existência do montículo com atividades de caráter simbólico (social, político e/ou religioso).

Outra possibilidade de construção seria a de vários pequenos eventos concomitantes. Nesse cenário, propomos que pequenos grupos de indivíduos quebrariam potes ou colocariam fragmentos em

partes diferentes do montículo. A repetição intensa desse ato, em um intervalo relativamente curto de tempo, resultaria em grandes concentrações cerâmicas espalhadas ao longo de um mesmo nível estratigráfico. Teríamos um efeito semelhante ao conhecido mosaico de ocupações, no qual diversas reocupações num mesmo local produzem, a longo prazo, um sítio arqueológico de alta densidade de vestígios em superfície. Nesse caso, no entanto, os pequenos agregados de cerâmica feitos sucessivamente um ao lado do outro não corresponderiam a diferentes ocupações, mas sim a diferentes eventos de formação que poderiam ter ocorrido até simultaneamente.

Por fim, a configuração do montículo artificial escavado no sítio Hatahara poderia ser resultado de um ou dois episódios de formação interligados. No primeiro caso, as três camadas que o constituem (IVA, B e C) teriam sido construídas em um único evento, por quaisquer uma das duas hipóteses de organização da força de trabalho. Na segunda possibilidade, cada episódio de formação estaria relacionado a cada uma das camadas de concentração cerâmica que compõem o montículo: a camada IVA, relacionada ao episódio mais antigo e a camada IVC, relacionada ao episódio mais recente; a camada intermediária composta por terra preta poderia estar relacionada tanto a um episódio quanto ao outro, ou ainda a um terceiro episódio. No entanto, seja através de um único evento, seja através de uma série de eventos seqüenciais, o intervalo obtido pelas datações realizadas nas camadas diretamente acima e abaixo da estrutura do montículo, nos indicam uma construção rápida – de um evento único até uma duração de 100 anos.

Mas, afinal, por que montículos são construídos? Uma interpretação possível no contexto do sítio Hatahara é a sua construção estar relacionada tanto a uma quantidade suficiente de enterramentos no local (Sepultamentos diretos) – neces-

sidade de enterrar seus mortos naquele momento –, quanto a uma mudança de poder político ou religioso que deveria ser marcada pela construção de um monumento. Qualquer uma dessas possibilidades poderia ter dado o impulso inicial para a construção desse montículo, no sítio, com a cerâmica da fase Paredão que, até aquele momento era produzida, ou ao menos utilizada, naquele local.

Para a maior parte das análises e hipóteses apontadas até o momento, a cerâmica relacionada à fase Guarita, ocupação mais recente do sítio, foi considerada como dissociada da estrutura do montículo. A diferença quantitativa entre os dois primeiros níveis estratigráficos (N1 e N2) e nos próximos dois níveis que se seguem (N3 e N4) reforça a hipótese de dissociação entre esses eventos. Outra possibilidade que reforçaria a dissociação desses episódios estaria relacionada ao método de escavação e quantificação em níveis artificiais ter associado dois eventos distintos numa mesma camada, juntando os fragmentos relacionados a tal fase arqueológica e contabilizando-os aos níveis associados ao montículo, relacionado-os à fase Paredão.

No entanto, a presença de fragmentos cerâmicos da fase Guarita nesses níveis pode efetivamente estar relacionada às camadas formadoras do montículo. Essa possibilidade é interessante, já que nos leva a questionar a relação entre os diferentes vestígios cerâmicos e grupos culturais específicos. Se as diferenças entre essas fases cerâmicas (Guarita e Paredão) refletem em diferenças culturais, então nos questionaríamos sobre o porquê da continuidade da construção e/ou manutenção de um montículo que, como vimos, não parece estar relacionado a questões de moradia ou atividade prática específica. Essa hipótese implica a saída de toda uma aldeia e sua substituição no mesmo local, por outra, com formas de organização distinta, tornando bastante improvável a hipótese de continuidade de construção,

por outro grupo cultural, de um montículo que carrega em si uma simbologia específica. No entanto, a presença dessa cerâmica nas camadas construtivas do montículo pode nos aproximar da possibilidade de continuidade de um mesmo grupo cultural utilizando um novo repertório material, nesse caso diferentes cerâmicas.

Nessa perspectiva, poderíamos propor uma série de possibilidades interpretativas a respeito dos motivos que teriam levado à mudança do repertório cerâmico daquele grupo, assim como a relação dessa mudança com a construção do montículo. Uma hipótese é que a adoção da cerâmica Guarita pelos antigos produtores/ consumidores da cerâmica Paredão estaria relacionada a mudança em outras esferas da sociedade, como a religiosa, a política ou a social. Tal transição de poder poderia se refletir tanto na mudança da cerâmica, que passaria a refletir a nova ordem no poder, quanto na própria construção de marcos de transição, papel que poderia ser assumido pelos montículos encontrados no sítio Hatahara.

Outra possibilidade interpretativa que vem ganhando força com os resultados preliminares da descrição qualitativa e triagem das cerâmicas presentes em uma unidade de escavação ao norte do mesmo montículo é a desvinculação da fase Paredão da construção do montículo. Nessa hipótese, a presença da cerâmica Paredão nas camadas formadoras da estrutura seria fruto exclusivamente de sua condição de material construtivo. A ocupação anterior do local, tendo sido relacionada a essa fase cerâmica, serviria de matéria-prima para a construção do montículo por uma outra ocupação, caracterizada pela cerâmica policrômica Guarita. Tal hipótese tem se fortalecido, uma vez que notamos um aumento considerável na presença de fragmentos relacionados a essa fase cerâmica, ao longo de toda a estratigrafia da estrutura e, sendo mais recente num contexto

pouco perturbado, essa presença indica alguma relação entre essas ocupações. Nessa perspectiva, o sítio arqueológico, ou a própria aldeia, teria servido de fonte de matéria-prima para a construção do montículo por uma ocupação posterior.

Da constatação da artificialidade da construção dos montículos encontrados no sítio Hatahara à percepção da variabilidade e dinamismo dos processos construtivos, a realização desse trabalho ofereceu-nos um frutífero campo de estudo, permitindo que aprofundássemos em questões regionais mais amplas. Essa pesquisa vem buscando entender a complexidade dos processos de formação envolvidos na construção de aterros artificiais, na tentativa de compreender o mosaico de atividades que geraram esse vestígio arqueológico. Abordagens como as propostas por Schiffer (1972, 1975, 1987) e outros autores abrem a gama de possibilidades interpretativas, uma vez que levam em conta o dinamismo tanto dos processos culturais quanto naturais na configuração do registro arqueológico. No entanto, é necessário que tenhamos mais estudos arqueológicos e etnoarqueológicos a respeito da variabilidade dos processos formativos voltados para a questão das múltiplas funções que os artefatos assumem durante sua vida útil, assim como a respeito dos padrões de descarte e abandono para que possamos refinar nossos modelos interpretativos, repensando, assim, a variabilidade artefactual e seus padrões de dispersão. As hipóteses interpretativas adotadas nesse trabalho em meio às inúmeras possibilidades de processos de formação associadas a construção dos montículos artificiais, visaram a geração e compreensão de novos dados a partir dos quais podemos repensar os parâmetros de compreensão da ocupação pré-colonial da Amazônia central.

Agradecimentos

À Eduardo Góes Neves e toda a equipe do *Projeto Amazônia Central*, sem os

quais nada disso seria possível. À Fabíola Silva e Lucas Bueno pelas revisões e valiosas discussões. À FAPESP por viabilizar todo o projeto.

Referências Bibliográficas

- BINFORD, L. 2001. *Constructing Frames of Reference: An analytical Method for Archaeological Theory Building Using Ethnographic and Environmental Data Sets*. Berkeley: University of California Press.
- _____. 1983. Organization and Formations process: looking curated technologies. In: BINFORD, L.R. *Working at archaeology*. New York: Academic Press, pp. 269-286.
- _____. 1981. Behavioral Archaeology and the Pompeii Premise. *Journal of Anthropological Research*, 37:195-208.
- _____. 1980. Willow smoke and dog's tails: hunter-gatherer settlement system and archaeological site formation. *American Antiquity*, 45(1:4-25).
- FLANNERY, K.V. 1999. *Process and Agency in Early State Formation*. Cambridge: Archaeological Journal 9(1):3-21.
- HECKENBERGER, M.; NEVES, E. & PETERESEN, J. 1998. De onde vem os modelos? A arqueologia da origem Tupi e Guarani. *Revista de Antropologia*, 41 (1), Universidade de São Paulo.
- HECKENBERGER, M.; PETERESEN, J. & NEVES, E. 1999. Village size and permanence in Amazonia: two archaeological examples from Brazil. *Latin American Antiquity*, 10(4):353-376.
- HILBERT, P. 1968. *Archäologische Untersuchungen am Mittlern Amazonas*. Berlin: Dietrich Reimer Verlag.
- KRISTIANSEN, K. 1991. Chiefdoms, States and systems of social evolution. In: EARLE, T. (ed.) *Chiefdoms: Power, Economy and Ideology*. Cambridge: Cambridge University Press, pp.16-43
- LATHRAP, D. 1970. *The Upper Amazon*. London: Thames & Hudson.
- LIMA, H.P.; NEVES, E.G. & PETERESEN, J. 2006. La Fase Açutuba: um novo complexo cerâmico na Amazônia Central. *Revista Arqueologia Sul-Americana*, 2(1):26-52.
- MACHADO, J.S. 2005-2006. O potencial interpretativo das análises tecnológicas: um exemplo amazônico. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 15-16. (no prelo)
- _____. 2005. *Montículos Artificiais na Amazônia Central: um estudo de caso do sítio Hatahara, Amazonas*. Dissertação de Mestrado. Museu de Arqueologia e Etnologia-USP, São Paulo.
- MEGGERS, B.J. 1996. *Amazônia: man and culture in a counterfeit paradise* (2nd ed.). Chicago: Aldine.
- _____. 1992. Prehistoric Population Density in the Amazon Basin. In: VERANO, J. & UBERAKER, D. (eds.) *Disease and Demography in the Americas*. Washington, DC: Smithsonian Institution Press, pp. 197-205.
- MEGGERS, B.J. & EVANS, C. 1961. An Experimental Formulation of Horizon Styles in the Tropical Forest of South America. In: LOTHROP, S. (ed.) *Essays in Pre-Columbian Art and Archaeology*. Cambridge, Mass: Harvard University Press, pp. 372-388.
- NEVES, E.G. 2000. *Relatório de Atividades*. Relatório Científico apresentado à FAPESP.
- _____. 1999. Changing Perspectives in Amazonian Archaeology. In: POLITIS, G. & ALBERTI, B. (eds.) *South American Archaeology*. London: Routledge, pp. 216-243.
- ROOSEVELT, A. 1991. *Moundbuilders of the Amazon: Geophysical Archaeology on Marajó Island, Brazil*. San Diego: Academic Press.
- SCHIFFER, M.B. 1987. *Formation Processes of the Archaeological Record*. Albuquerque: University of New Mexico Press, pp. 3-23.
- _____. 1983. Toward the Identification of Formation Processes. *American Antiquity*, 48: 675-706.

Processos de formação: hipóteses sobre a variabilidade do registro arqueológico de um montículo artificial no sítio Hatahara, Amazonas

- _____. 1975. Archaeology as Behavioral Science. *American Anthropologist*, 77:836-48.
- _____. 1972. Archaeological Context and Systemic Context. *American Antiquity*, 37(2) : 156-165.
- SILVA, F.A. 2000. *As Tecnologias e seus Significados*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo.
- WOODS, W.I. & MCCANN, J.M. 1999. The anthropogenic Origin and persistence of Amazonian Dark Earths. *Yearbook, Conference of Latin American Geographers*, 25:7-14.

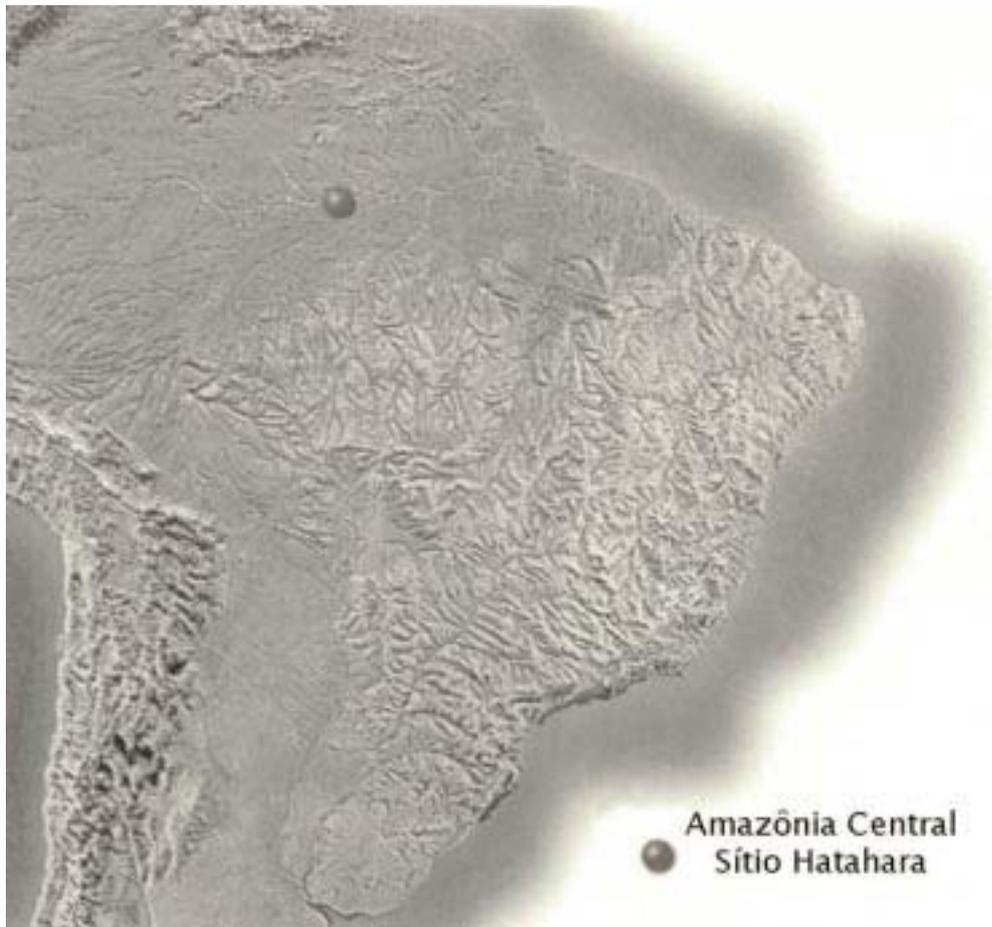


Fig. 01 - Imagem de satélite da América do Sul com indicação do sítio arqueológico Hatahara localizado na Amazônia central.

Fonte mapa: MPEG 1999

Montagem: Juliana S. Machado

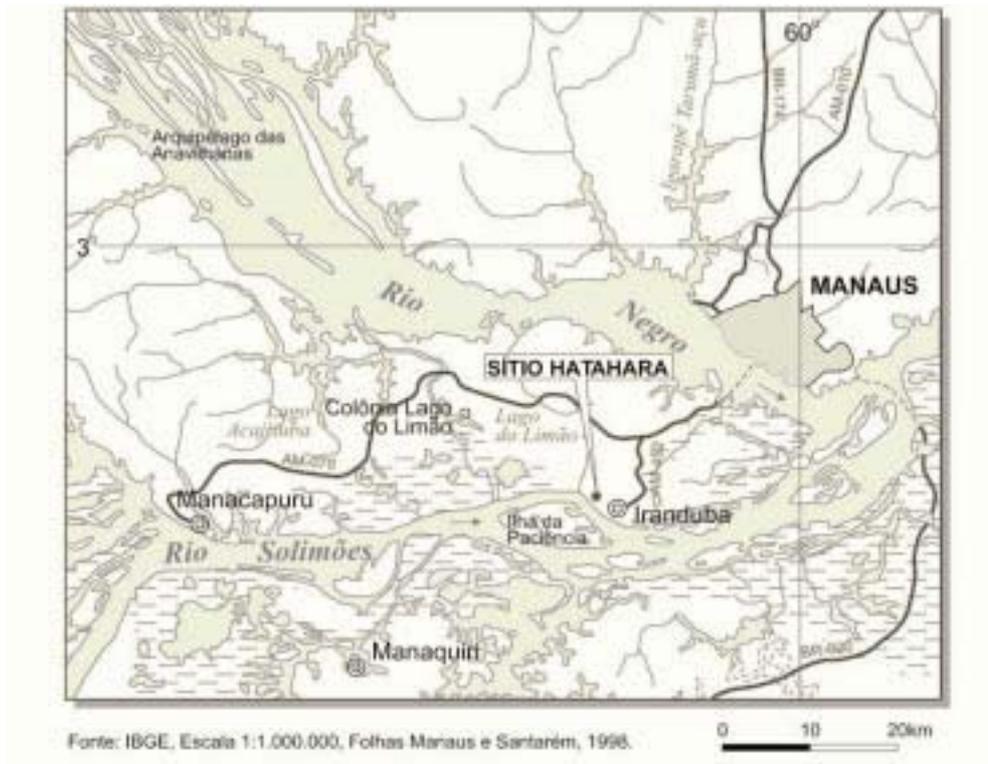


Fig. 02 – Mapa com localização geográfica do sítio arqueológico na área de pesquisa do P.A.C. Desenho de Marcos Brito.



Fig. 03 – Exemplos do alinhamento dos fragmentos cerâmicos no perfil da trincheira do Montículo I, sítio Hatahara. Foto: Juliana S. Machado.